

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Carolina Belloli Cardoso

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: RELATO DA EXPERIÊNCIA OPORTUNIZADA NA DISCIPLINA
“BASQUETE TÉCNICAS DE ENSINO”**

**Porto Alegre
2011**

Carolina Belloli Cardoso

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: RELATO DA EXPERIÊNCIA OPORTUNIZADA NA DISCIPLINA
“BASQUETE TÉCNICAS DE ENSINO”**

Monografia apresentada como pré-requisito para aprovação na disciplina de TCC II do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Orientadora: Prof^a Dr^a Lisiane Torres

Porto Alegre
2011

Carolina Belloli Cardoso

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: RELATO DA EXPERIÊNCIA OPORTUNIZADA NA DISCIPLINA
“BASQUETE TÉCNICAS DE ENSINO”**

Conceito final:

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Prof.

Prof.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lisiane Torres –
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

A prática pedagógica é componente obrigatório para a formação de professores segundo a legislação vigente. Com a finalidade de transcender o estágio e promover a articulação de diferentes disciplinas, a prática pedagógica deve estar presente desde o início do curso e permear toda a formação do professor. Este trabalho configura-se no relato de experiência da prática pedagógica oportunizada pela disciplina Basquetebol Técnicas de Ensino do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No desenvolvimento dessa disciplina, tive a oportunidade de realizar um planejamento e, ao colocá-lo em prática, enfrentei diversos desafios da prática docente: a motivação e aceitação dos alunos, a mediação de conflitos, a avaliação da aprendizagem. Muitas reflexões, muitos questionamentos caracterizaram essa experiência. Acredito que o relato das situações por mim enfrentadas e as reflexões e questionamentos oriundos dessa experiência podem contribuir para uma atuação mais qualificada dos colegas que ainda permanecem no curso. Talvez sirva, também, para provocar reflexões entre os professores do curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF/UFRGS e, ao mesmo tempo, dar um retorno de como nós, enquanto alunos, estamos aprendendo, compreendendo e levando adiante o que nos é passado durante tantos anos de formação acadêmica.

ABSTRACT

According to the Brazilian law, the pedagogical practice is compulsory in teacher training. In order to transcend the pre-service teacher training and promote the coordination between different subjects, pedagogical practice must be present from the beginning of the course, and must permeate the entire teacher training. This work is a report on teaching practice, experienced through the class Basquetebol Técnicas de Ensino, from the Licenciatura em Educação Física course at Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In this class, I had the opportunity to elaborate a teaching plan; while putting it into practice, I faced many challenges: students' motivation and acceptance, conflict mediation, learning assessment. Many thoughts and many questions have characterized this experience. I believe that by reporting the situations I faced and the thoughts and questions arisen from this experience I can contribute to a more qualified action from the students who are still in training. It may also serve to stimulate meditation among teachers from Licenciatura em Educação Física course, ESEF/ UFRGS, and, at the same time, be a return of how we, as students, are learning, understanding and carrying out what is taught to us during the many years of academic training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	8
2.1 PLANEJAMENTO	8
2.2 GESTÃO DA TURMA	10
3 RELATO DA EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM BASQUETEBOL	13
3.1 RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ELABORAÇÃO DO PLANO GERAL JUNTO COM OS COLEGAS DO GRUPO	13
3.2 RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERENCIAS	20
ANEXOS	21

1 INTRODUÇÃO

A prática pedagógica é componente obrigatório na formação de professores. A Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica em Nível Superior, exige que tal prática não fique restrita ao estágio. Com a finalidade de transcender o estágio e promover a articulação de diferentes disciplinas, a prática pedagógica deve estar presente desde o início do curso e permear toda a formação do professor. Seu desenvolvimento deve acontecer com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em situações contextualizadas e a resolução de situações-problema.

O atual currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS oferece diversas disciplinas de técnicas de ensino com o objetivo de oportunizar aos seus estudantes o exercício da prática pedagógica. Nem sempre esse exercício é realizado com crianças e adolescentes das escolas localizadas nas proximidades da Universidade.

Basquetebol Técnicas de Ensino é uma das disciplinas que efetivamente coloca o estudante do curso de Licenciatura em Educação Física em contato com a realidade do contexto escolar. No desenvolvimento dessa disciplina, tive a oportunidade de realizar um planejamento e, ao colocá-lo em prática, enfrentei os diversos desafios da prática docente: a motivação dos alunos, a mediação de conflitos, a avaliação da aprendizagem, os materiais e as estruturas disponíveis para a realização das aulas. Muitas reflexões, muitos questionamentos caracterizaram essa experiência. Por isso, este trabalho tem como objetivo relatar a prática pedagógica vivenciada na realização da disciplina Basquetebol Técnicas de Ensino.

Os alunos matriculados nessa disciplina (eu incluída nesse grupo) no primeiro semestre letivo de 2010 foram organizados em dois grupos. Escolhi participar do grupo formado por quatro integrantes que iria desenvolver suas atividades junto a uma turma de 4ª série do Colégio Estadual Otávio de Souza, localizada nas proximidades da ESEF, o que facilitou todas as atividades no decorrer do semestre. Organizamos e planejamos um total de 20 aulas, sendo que as duas primeiras foram ministradas pelos quatro integrantes do grupo. A partir da terceira aula, foi realizado um sistema de rodízio: a cada dia de aula, um integrante do grupo exerceu a função de professor, outro de auxiliar e os outros dois foram observadores.

O local definido para as aulas acontecerem foi no Ginásio 1 da Escola de Educação Física (ESEF- UFRGS) por sugestão do professor Mário Roberto Generosi Brauner, visto que, o basquete não é um esporte que chame tanto a atenção como o futebol e na escola a situação não era diferente: a preferência por futebol tanto os meninos quanto as meninas. Seria uma forma de estimular a prática do basquetebol, já que as condições de estrutura na escola, os materiais humanos e didáticos impulsionavam ao futsal (havia uma quadra muito precária). Nos dias de chuva, ministramos as aulas na sala de aula, no Colégio Estadual Otávio de Souza, para evitar que no percurso entre o colégio e a ESEF as crianças não se molhassem (e evitar problemas de saúde), pois o trajeto era feito a pé.

O presente estudo está organizado em três partes: na revisão bibliográfica, são abordados temas relativos ao planejamento de ensino e à gestão da turma. No relato da experiência propriamente dita, são apresentadas as situações mais relevantes por mim vivenciadas. Na parte final, apresento algumas reflexões e questionamentos relacionados à formação docente.

Acredito que o relato das situações por mim enfrentadas e as reflexões e questionamentos oriundos dessa experiência podem contribuir para uma atuação mais qualificada dos colegas que ainda permanecem no curso. Talvez sirva, também, para provocar reflexões entre os professores do curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF/UFRGS.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 PLANEJAMENTO

As dificuldades em elaborar um planejamento para aulas de educação física estão em conseguir conciliar todos os conteúdos aprendidos, desde o primeiro semestre em que se entra na universidade (e aqui se incluem as disciplinas ligadas mais a Biologia, a Filosofia e às modalidades esportivas) até o momento de se “encarar” pela primeira vez uma turma de alunos. A Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica em Nível Superior, exige que o contato entre o futuro professor e os alunos não ocorra somente no estágio, e foi o que aconteceu na disciplina de Técnicas de Ensino de Basquetebol.

Segundo Rangel-Betti e Betti (1996), numa relação entre teoria-prática, a ótica de tratamento dada pelos autores traz dois tipos de currículo: o currículo tradicional-esportivo (que enfatiza as disciplinas “práticas” e em que há a separação entre teoria – conteúdo apresentado em sala de aula – e prática – atividade que não é feita em sala de aula) e o currículo de orientação técnico-científica (que possui disciplinas teóricas e abre espaço para as Ciências Humanas e a Filosofia. Conceito de ensinar a ensinar. O conhecimento teórico flui da teoria para a prática e a prática é a aplicação dos conhecimentos teóricos). Mas, utilizando-se de qualquer um desses métodos, onde entraria a reflexão sobre o que realmente acontece durante as aulas? E os questionamentos referentes às diferenças entre as formas de comprometimento e entendimento das aulas dos demais colegas professores?

O movimento denominado “ensino reflexivo” surgiu em diferentes países a partir da percepção de uma crise educacional e conseqüente necessidade de reforma. [...] desta forma, não apenas a universidade ou instituto de pesquisa podem pensar o ensino mas [...] os *professores também têm teorias que podem contribuir para uma base codificada de conhecimentos de ensino.*”(ZEICHNER,1993 *apud* RANGEL-BETTI; BETTI, 1996, p.12)

Caminhando nessa direção, as disciplinas que possuam práticas pedagógicas, além do estágio, não devem ser apenas mais uma cadeira nos currículos de Educação Física em que misturamos teoria e prática, mas devem levar

o futuro professor a sentir e a perceber o que é a realidade de uma sala de aula, com estudantes que estão construindo seus intelectos, cada um inserido em determinado grupo, com culturas e maneiras por vezes diferentes daquelas consideradas “normais”.

No modelo do profissional reflexivo o estágio deve assegurar o constante diálogo entre a realidade de atuação profissional e os conhecimentos acadêmicos, por isso fazem-se necessários a elaboração de um planejamento que leve em consideração a realidade do aluno em formação, os espaços disponíveis para o acompanhamento do cotidiano escolar e espaço para a exposição das percepções dos graduandos, bem como da confrontação de idéias sobre o cruzamento entre formação acadêmica e o cotidiano escolar. (FIGUEIRAS; RODRIGUES; VEREGUER, 2007, p.140)

Em hipótese alguma está se querendo dizer que a teoria é mais importante que a prática ou vice-versa, mas sim que as duas caminham lado a lado, conectadas pela reflexão – o que muitos autores chamam de práxis.

Alguns autores indicam que para acabar com essa dicotomia entre teoria e prática na Educação Física haja a integração entre ambas através da práxis, ou seja, a prática refletida, teorizada, pois na verdade não são termos antagônicos, opostos, mas dialéticos, complementares e que formam uma unidade. (MOLA, 1995; MARCELLINO, 1995; WINTERSTEIN, 1995; TOJAL, 1995 *apud* GHILARDI, 1998, p. 6)

O bom professor de educação física, além de conseguir fazer a integração entre teoria e prática também sabe perceber quais são os seus limites e que não saberá executar todos os gestos motores. Desta forma, consegue compreender as necessidades e as limitações de cada aluno, porque detém o conhecimento que lhe permite detectar os níveis de aprendizagem e as capacidades, tendo assim, ferramentas para trabalhar o que é necessário como também para despertar a consciência para a prática da atividade física.

Porém, para que bons professores sejam formados, é necessário que mais seja escrito sobre as experiências dos professores, conforme Shulman (1987):

[...] a cultura produziu inúmeras fontes culturais, mas nada, ou quase nada, foi documentado sobre como o professor ensina. Pesquisas anteriores, baseadas em testes, listas e sistemas de classificação não descobriram, por exemplo, o que os professores sabem **sobre o**

que eles sabem, ou sobre **como e por que** ensinam da forma como ensinam, e não de outra. (SHULMAN, 1987 *apud* RANGEL-BETTI; BETTI, 1996, p.13)

Quaisquer que sejam as vivências práticas articuladas com as teorias desenvolvidas no decorrer do Curso de Educação Física e integradas a constantes paradas para questionar e refletir sobre as formas que estão se relacionando e como estão sendo os resultados junto aos mais interessados – os alunos –, elas são de extrema importância. Com certeza, elas permitirão que a própria experiência do estágio, que é parte do Currículo dos cursos, seja mais rica, de forma que, ao conhecer a unidade e a realidade escolar, seja possível conhecer todo o contexto do ensino nas escolas, uma totalidade que é muito maior, conforme Pimenta (1995).

2.2 GESTÃO DA TURMA

Com a Disciplina de Basquetebol Técnicas de Ensino, foi possível experimentar as inúmeras sensações, angústias, alegrias e dificuldades em sala de aula. Mais adiante neste trabalho, estão destacadas principalmente as dúvidas e reflexões sobre as várias situações que, para uma estudante aprendendo a ser professora, foram complicadas. Dentre as dificuldades, seguem algumas:

1. não conseguir total percepção do ambiente da sala;
2. Perda do controle da turma;
3. Falta de preparo para confrontar comportamentos inadequados;
4. Lidar com os Períodos de transição das aulas;
- e 5. Dificuldades para lidar com a dimensão de liderança que uma boa gestão de aula requisita. (ARENDS, 2005 *apud* CLARO JR; FIGUEIRAS, 2009, p.10)

As novas realidades sociais, que trazem para perto de todos as mais variadas formas de tecnologia, proporcionam que, dentro das salas de aulas, outros recursos sejam muito mais interessantes do que a aula de educação física. Um exemplo disso é o telefone celular, que a maioria das crianças e jovens tem independentemente da classe social. Visto por esse ângulo, Perrenoud (*apud* CLARO JR; FIGUEIRAS, 2009, p.10) já defendia que professores precisam desenvolver novas formas de ensinar no século XXI e, dentre essas formas, ele cita: a organização e direção da aprendizagem, administração e progressão das aprendizagens, concepção e

evolução de dispositivos de diferenciação e envolvimento dos alunos nas aprendizagens e trabalhos.

São saberes que mudam muito rápido, e o futuro professor deve estar apto a perceber e modificar as estruturas e planos de forma a enquadrá-los dentro da realidade, que também pode ser diferente de uma escola para outra e de uma turma para outra.

Os sujeitos se apropriam do saber cotidiano para viver adequadamente em uma época e estrato determinados. Nesse processo eliminam-se aqueles saberes que já não são necessários para atender as necessidades daquela época e estrato e incorporam-se novos conhecimentos, necessários para satisfazer às novas necessidades sociais criadas. (CALDEIRA, 1995, p.7)

Mas o que é gestão de aula? Como é possível aprimorá-la?

Segundo Arends (2005, p.555 *apud* CLARO JR; FIGUEIRAS, 2009, p.12), gestão de aula são: “os modos pelos quais os professores organizam e estruturam suas salas de aula, com o propósito de maximizar o envolvimento dos alunos e diminuir o comportamento disruptivo”. Já Perrenoud (2000) usa termos como organizar e dirigir situações de aprendizagem para se referir à gestão de aula.

A gestão é uma das funções do professor, já que é ele quem planeja as aulas, determina os tempos das atividades, observa os espaços e materiais disponíveis e, a partir deles, constrói as suas aulas, muitas vezes ensina e ajuda a turma a trabalhar em grupo, percebe a motivação dos alunos e com isso abre a possibilidade de modificação da aula, proporcionando um dialogo aberto e honesto com os alunos. Se um professor não pensa dessa maneira, pode ser que ele encontre dificuldades ainda maiores do que as que já existem por sis sós em sala de aula. Observar o indivíduo, o grupo como um todo e verificar se há um ensino eficaz que transforma esse conjunto é papel do professor.

A competência docente não pode prescindir do domínio em extensão e profundidade de um ou mais conteúdos curriculares previstos para o ensino fundamental e médio. Deve compreender, aplicar e julgar a relevância, relacionar seus conceitos básicos e, como parte inseparável desse domínio de conteúdos especializado, saber fazer a transposição didática do mesmo para situações de ensino e de aprendizagem da educação básica, o que inclui, além de competências de gerencia do ensino e da aprendizagem, discernimento para decidir quais conteúdos devem ser ensinados,

em que seqüência e com que tipo de tratamento. (MELLO, 2000, p.105)

Além dos conteúdos prévios que o professor deve estar apto a ensinar, estão também os valores, que são passados através da confiança, da voz de comando e da postura dentro da sala de aula. Valores que podem ser vistos, que não precisam de palavras, pois as palavras demais, por vezes, também não são muito entendidas. Mas o professor compreender os limites de cada um e perceber que o máximo para um aluno em uma atividade pode ser o mínimo de outro aluno mais habilidoso e, mesmo assim, o primeiro ainda teve um crescimento maior que o último é uma forma de dar valor ao desenvolvimento e empenho e de ensinar valores para a vida.

Para alguns alunos, a explicação e exercícios posteriores não são o suficiente para garantir o aprendizado. Logo, o docente deve adotar modelos centrados no aprendiz. Nesse sentido, a gestão de aula torna-se o desafio do professor dialogar com as necessidades do grupo e no qual atua e não simplesmente controlar os comportamentos dos alunos a fim de garantir a transmissão do conteúdo. (CLARO JR; FIGUEIRAS, 2009, p.14)

Dessa forma, pode-se ver que, as experiências de preparação de aula e aplicação desta é que irão construir o estudante-professor. As experiências em estar em sala de aula, apalpar e enfrentar os problemas diários é que tornarão o professor uma pessoa encantada ou não com a sua profissão:

No final do curso de formação para a docência, Stroot (1996) reconhece que os estudantes são considerados professores e necessitam dominar as competências básicas para a atuação profissional. Assim, perspectiva-se a partir das reformulações curriculares, ocorridas nos últimos anos na realidade brasileira, a criação de ambientes favoráveis à inserção do estudante no contexto real de trabalho ainda durante o curso, proporcionando tanto o encantamento com a profissão docente quanto o desenvolvimento de competências pedagógicas. (FOLLE; FARIAS; BOSCATTO; NASCIMENTO, 2009, p.32)

Estudar as realidades, estar aberto a modificações e a perceber que os problemas podem se transformar em novas formas de gestão das aulas são os desafios para os futuros professores.

3 RELATO DA EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM BASQUETEBOL

3.1 RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ELABORAÇÃO DO PLANO GERAL JUNTO COM OS COLEGAS DO GRUPO

O primeiro passo dado pelo nosso grupo foi o de nos conhecer, para saber quais noções cada um de nós tinha sobre o basquete e o que cada um se achava mais apto a ensinar. A partir daí, já formulamos o objetivo geral, os objetivos específicos, os conteúdos a serem trabalhados, a metodologia de ensino, como faríamos a avaliação e então elaboramos um calendário. Na aula seguinte, fomos à escola para conhecer a turma, a realidade da mesma, a realidade da escola e conversar com a professora sobre os alunos. A partir desse ponto, o grupo começou a ter algumas discordâncias; eu e a colega Tatiana percebemos que alguns pontos do que havíamos planejado deveriam ser mudados, enquanto os outros dois colegas (Marcelo e Eduardo) achavam que não precisava mudar nada, que o planejamento estava ótimo e que as crianças só iriam se divertir com o que nós tínhamos planejado. Mesmo com essas divergências, ficou definido que cada uma daria quatro aulas como professor, auxiliado pelo colega que daria a próxima aula. Os outros dois colegas faziam as observações, que seriam posteriormente discutidas pelo grupo e pelo professor Mário Brauner. Outras quatro aulas seriam dadas pelos integrantes do grupo, num total de vinte aulas. Apesar de tudo parecer tranquilo e fácil, eu me questionava se no desenvolver das aulas as coisas seriam assim, tão razoavelmente tranquilas, se conseguiríamos executar tudo conforme planejado.

Objetivos definidos, cronograma e divisão das aulas acertadas, era hora de sentar e planejar as aulas. Cada um planejava individualmente a sua aula, mas conversávamos sobre o que estávamos pensando em aplicar, o que os demais achavam e procurávamos não repetir os mesmos exercícios, exceto aqueles que as crianças gostassem e tivessem “dado certo”.

Os desafios começaram de fato no momento em que cada um começou a dar aula. O nível de comprometimento de nós, professores, com os alunos era muito diferente. As primeiras aulas dos meus colegas foram excelentes, enquanto que a minha foi horrível (conforme descreverei mais adiante). Da metade final do semestre, porém, parecia que só eu e Tatiana éramos as professoras de educação física da

turma. Isso porque os demais colegas estavam faltando nos seus dias de dar aula e nós duas assumíamos a turma. Esse fato foi tão significativo que se refletiu no relacionamento dos alunos com nós professores: a turma queria ter aulas somente comigo e com a Tatiana, e não queria mais ver os outros dois professores. Da mesma forma que ficamos felizes por termos conquistado os alunos e por eles nos ouvirem um pouco, ficamos tristes por nossos dois colegas, que estavam criando um problema de relacionamento entre eles e a turma. Também percebemos que não conseguimos resgatar esse relacionamento; não conseguimos ajudar, apesar de muito tentarmos reatar os laços professor-alunos dos nossos colegas. Esse fato foi frustrante tanto pelo lado dos alunos, que não queriam mais fazer as aulas com o Eduardo e com o Marcelo, como pelo lado dos dois professores, que também não fizeram grandes esforços para melhorar, justificando que se tratavam de alunos de só um semestre, semestre esse que logo iria acabar, e que o que interessava mesmo era passar na disciplina.

Por esse motivo, eu me questionava: como acertar o planejamento desenvolvido junto com outros professores? Como aceitar posicionamentos e níveis de comprometimento tão diferentes? E por esse caminho ainda seguem muitas outras perguntas.

3.2 RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS

Quando ministrei a primeira aula junto com os demais integrantes do grupo, estava um pouco apreensiva e com diversos questionamentos: como serão os alunos? Como irão se comportar durante nossas aulas? O que eles acharão de nós? Será que vão gostar de nossa proposta de trabalho?

E quando iniciei a minha primeira aula, os questionamentos continuaram: será que conseguirei ser uma boa professora? Será que conseguirei, além de desenvolver os conteúdos previstos, transmitir aos alunos valores, o respeito por si mesmos e pelos demais ao redor – colegas, professores, as pessoas pelas quais passaremos nos dias de aula, no trajeto da escola até a ESEF e vice-versa? Talvez, ser mais do que uma professora, mas uma amiga, alguém em quem eles possam confiar, e, dessa maneira, conseguir modificar ou, até mesmo, construir estruturas em seus pequenos seres carentes de tantas coisas, coisas nem tanto materiais, mas relacionadas à sua auto-estima, que, segundo a professora, é muito baixa.

Durante as primeiras aulas, as principais dificuldades foram relacionadas ao domínio da turma. O deslocamento dos alunos até a ESEF geralmente era uma bagunça total, apesar de termos conversado com eles e combinado algumas regras. Essa situação ocorreu durante várias aulas e foi superada por meio da realização de diversos momentos de muita conversa com a turma, em que tentávamos provocar uma reflexão sobre o que fazemos aos que estão ao nosso redor. Mesmo sabendo da realidade de exclusão vivida pela maioria dos nossos alunos, instigávamos-os a pensar que eles poderiam melhorar suas condições, porque são pessoas com os mesmo direitos, mas também os mesmo deveres, como todos, inclusive como nós professores.

A participação mais efetiva dos alunos nas atividades propostas foi conquistada após transcorridas algumas aulas. A estratégia de perguntar aos alunos como eles achavam que a aula deveria ser e como eles deveriam agir para que a aula acontecesse da forma que queriam foi eficaz para que eles, efetivamente, colaborassem na organização das atividades e participassem das mesmas de forma mais cooperativa. Descobri, por meio de uma conversa com alguns alunos que costumavam participar no início das aulas e depois acabavam desistindo e queriam só ficar sentados, que algumas atividades que eram propostas por nós eram consideradas por eles como “atividades de bebê”. E que o elemento que sempre os motivava a participar da aula era o jogo. Isso me fez refletir... Alunos desafiantes. Alunos que querem desafios para si, e o jogo era uma forma de desafio. Hoje percebo que deveria ter investido muito mais nos jogos. Talvez os resultados tivessem sido outros.

Outra dificuldade que percebi estava relacionada à comunicação com a turma. Na minha primeira aula, não consegui explicar o exercício inicial, e as crianças não entenderam a proposta. É fundamental que o professor tenha a habilidade de se expressar de forma clara e objetiva. Quando a comunicação não é efetiva, os alunos têm dificuldade de entender o que o professor deseja, e é muito fácil, nessa situação, não conseguirmos ter o controle da turma. E isso acaba dificultando o relacionamentos do professor com os alunos, pois este, na tentativa de ministrar uma boa aula, acaba dando muita bronca nos alunos, o que torna o clima da aula pouco favorável à aprendizagem.

A gestão da aula foi um difícil aprendizado para todos integrantes do nosso grupo. A organização dos alunos nas atividades e o gerenciamento do tempo são

habilidades que desenvolvemos, efetivamente, quando estamos frente a uma turma de alunos. Foram diversas as aulas em que avançamos no horário de término ou que suspendemos a atividade final para terminarmos a aula no tempo previsto.

A inclusão dos alunos excluídos por seus pares foi outro desafio. Uma menina, porque era gordinha, e um menino, porque era o “intelectual” da turma, eram sempre excluídos, independentemente das atividades realizadas. Não foi fácil trabalhar a aceitação das diferenças com a turma. Conseguimos fazer com que as crianças participassem, mas por vezes elas mesmas se excluíaam pelos comentários dos colegas. Pelo fato de não conseguirem segurar a bola ou fazerem um arremesso errado, elas acabavam errando propositalmente, o que deixava os colegas muito irritados e se queixando cada vez mais. Sabemos, porém, que obtivemos resultados positivos, pela avaliação escrita que fizemos e, principalmente, pelo que os dois alunos acima referidos escreveram.

Um dos momentos que favoreceu muito minha aproximação com as meninas da turma foi quando participei de um jogo com elas. Percebi o quanto foi importante para elas esse contato mais próximo. Elas gostaram muito de me ver jogando e também errando arremessos, errando passes. Isso permitiu um contato mais próximo com elas.

A experiência de observar as aulas dos colegas oportuniza um outro olhar sobre a aula que está sendo ministrada. Na posição de observadora, consegui perceber várias situações que passaram despercebidas para o meu colega que exercia a função de professor.

Nesse momento, foram de fundamental importância nossas reuniões com o professor Mário Brauner, que aconteciam sempre ao final das aulas. O professor nos questionava sobre o que tínhamos achado da aula dada, o que poderia ser mudado, problemas enfrentados com determinados alunos, como conquistar e trazer para as aulas os alunos mais “rebeldes”, que achavam que educação física era só jogar futebol ou que ser advertido ou corrigido era ser menos que os demais. Também conversamos sobre o nosso relacionamento no grupo, sobre como nós professores estávamos nos entendendo, “aparando as arestas” do nosso ser professor.

Numa das nossas últimas reuniões, o professor me questionou se, pelo fato de ser mãe, eu também não me sentia um pouco mãe daquelas crianças. Respondi que sim, que, muitas vezes, dava vontade de pegá-las no colo e dizer que tudo ia ficar bem, assim como faço com minhas filhas. O professor, por sua vez, me expôs

que, embora isso seja muito bonito, infelizmente, nós, como professores, precisamos saber onde começa o nosso papel de professor e a nossa função e onde eles terminam. Precisamos saber o limite, que é extremamente tênue e difícil de encontrar. Isso porque o nosso papel é de professor, de amigo, mas não de pai. Só aprendemos a identificar, ou pelo menos a chegar perto de identificar, esse limite indo para dentro das salas de aulas, pegando e sentindo com as próprias mãos as realidades ali existentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a prática pedagógica essencial para a formação do professor de Educação Física, quanto mais forem as formas de se vivenciá-la, mais o estudante terá subsídios para tratar do planejamento junto com a escola, colegas e na sala de aula. Pude vivenciar intensamente cada uma das partes e vejo o quanto poderia ter sido diferente, no sentido de ter sido melhor.

Durante a preparação e elaboração do Projeto de Basquete junto com os colegas, vejo que poderia ter sido mais incisiva com relação às minhas ideias, de que é preciso educar, ensinar, persistir, independentemente de quem sejam os alunos, vindos de escola pública ou privada. Não poderia ter simplesmente aceitado o fato e a acomodação de alguns dos meus colegas, porque ali, a diferença quem faria seria eu mesma.

Não basta ser detentora dos saberes, saber a teoria e a prática se no meio disso eu não colocar a reflexão, pensar se realmente o que foi planejado está de acordo com a realidade (motora, intelectual) da turma. É preciso reconhecer que o problema pode estar em mim e não na turma, e isso foi algo que constatei. Ter como principal problema o comportamento da turma, não ter o domínio dos mesmos, achar que são mal-educados e era isso, fez com que eu enxergasse que o problema é o meu pouco conhecimento e habilidade em gerir. Não poucas vezes, coloquei o problema das minhas aulas nos alunos, mas na realidade, os reveses que houveram foram causados pela minha falta de prática, minha falta de ligar o que já aprendi na teoria ali dentro da turma.

Vejo também, que não posso me sentir desmotivada e achar que não serei uma boa professora. Pelo contrario, vejo que, a partir das diferentes situações negativas, eu deveria ter buscado novos meios de dar continuidade às atividades como professora e junto aos meus colegas também. Não poderia ter ficado quieta ou me acomodado diante do posicionamento dos colegas tendo o conhecimento de que as coisas não eram bem assim como eles estavam achando.

Junto aos alunos, também percebi que devo conhecer e ser amiga de todos eles. Devo saber o que acontece, como vivem, onde moram, mas não procurar diagnosticá-los devido a dificuldades familiares que possam ter. Isso para mim poderia ser motivo para não buscar ampliar minha visão das aulas, me acomodando

de forma a, como num círculo vicioso, achar que os problemas são os alunos e não eu, a professora.

REFERENCIAS

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. A apropriação e construção do saber docente e a prática cotidiana. **Faculdade de Educação da UFMG**, Cad. Pesq., São Paulo, n. 95, p. 5-12, nov. 1995. Disponível em: < <http://ograndeengenheiro.com.br/blog/wp-content/uploads/2010/06/466.pdf> > Acesso em: 18 jul. 2010.)

CLARO JR, Rubens da Silva; FIGUEIRAS, Isabel Porto. Dificuldades de gestão de aula de professores de educação física em início de carreira na escola. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 9-24, 2009

FIGUEIRAS, Isabel Porto; RODRIGUES, Luiz Henrique; VEREGUER, Rita de Cássia Garcia. O estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura em educação física na universidade Presbiteriana Mackenzie. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 139-146, 2007.

FOLLE, Alexandra; FARIAS, Gelcemar Oliveira; BOSCATTO, Juliano Daniel; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Construção da carreira docente em educação física: escolhas, trajetórias e perspectivas. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.15, n.1, p. 25-49, janeiro/março 2009. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewArticle/3014> > Acesso em: 18 jul. 2010.

GHILARDI, Reginaldo. Formação profissional em educação física: a relação teoria e prática. **Motriz**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 1-9, junho 1998. Disponível em: < http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/04n1/4n1_ART01.pdf > Acesso em: 18 jul. 2010.

MELLO, Guiomar Namó de. Formação inicial de professores para a educação básica uma (re) visão radical. **Revista São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 14, n.1, p. 98-110, 2000. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100012 > Acesso em: 18 jul. 2010.)

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? **Depto. de Metodologia do Ensino e Educação Comparada, Faculdade de Educação da USP**. Cad. Pesq., São Paulo, n. 94, p.58-73, ago. 1995.

RANGEL-BETTI, Irene C.; BETTI, Mauro. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. **Motriz**, Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 10-15, junho 1996. Disponível em: < http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_ART02.pdf > Acesso em: 18 jul. 2010.

ANEXOS

Plano Geral de Aula

OBJETIVO GERAL:

Proporcionar iniciação esportiva, relacionada ao basquete, desenvolvendo a cooperação de forma lúdica entre os alunos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Ensinar noções básicas do esporte: explicar dimensões de quadra, apresentar materiais (bola, cesta, tabela), pontuação, penalidades, noções básicas de regra.
- Ensinar e estimular o `espírito esportivo`:
 - a) âmbito geral do jogo;
 - b) relação entre colegas, respeito com o professor, com os jogadores reservas, com o time adversário, com a arbitragem;
 - c) trabalhar com as relações externas ao jogo;
 - d) cumprir regras (protocolo).

CONTEÚDOS:

- Deslocamentos;
- Saltos;
- Manejo de corpo;
- Passe;
- Drible;
- Arremesso;
- Rebote;

- Jogos adaptados e recreativos;

METODOLOGIA DE ENSINO:

As aulas serão desenvolvidas através da prática dos fundamentos básicos do basquete como: saltos, corridas, deslocamentos, dribles, passes, arremessos e recepção. Serão também realizadas atividades recreativas e manuais, que desenvolvam cooperação, coleguismo e melhora da motricidade fina. A realização de atividade em circuito também estará presente, além de atividades individuais, em duplas e em pequenos grupos, para maximizar a prática. Os métodos de ensino a serem utilizados: misto, situacional, global e analítico. Ensino - aprendizagem - treinamento. Além de respeitar os critérios éticos, morais, legais e sociais.

AVALIAÇÃO

A primeira avaliação será realizada pelo parecer descritivo do professor no início do semestre, através do histórico prévio dos alunos e suas habilidades já adquiridas.

Os professores farão através da Tabela de Acompanhamento das Interações Sociais (anexo 1) uma segunda avaliação, referente ao comportamento dos alunos durante as aulas.

A terceira avaliação será feita através de um Inventário de Eficiência Pessoal em Habilidades Motoras (anexo 2) que será respondido pelos alunos e posteriormente reavaliado pelos professores.

Na conclusão do semestre os alunos receberão o Inventário de Eficiência reavaliado, podendo assim, analisar sua evolução durante as aulas. Além dos dados da Tabela de Interação Social de Acompanhamento.

CALENDÁRIO:

DATA	NÚMERO DA AULA	TEMA	PROFESSOR	OUTRAS FUNÇÕES
13/04	01	Apresentações, combinações e jogo	TODOS	TODOS
15/04	02	Circuito com estações, jogos simulados	Todos	Todos
20/04	03	Aula com ênfase no PASSE	Tatiana	Monitor: Eduardo Observadores: Marcelo e Carolina
22/04	04	Aula com ênfase no DESLOCAMENTO	Eduardo	Monitor: Marcelo Observadores: Carolina e Tatiana
27/04	05	Aula com ênfase no ARREMESSO	Marcelo	Monitora: Carolina Observadores: Tatiana e Eduardo
29/04	06	Aula com ênfase no DRIBLE	Carolina	Monitora: Tatiana Observadores: Eduardo e Marcelo
04/05	07	Aula com ênfase no PASSE Avaliação dos alunos	Tatiana	Monitor: Eduardo Observadores: Marcelo e Carolina
06/04	08	Aula com ênfase no DESLOCAMENTO	Eduardo	Monitor: Marcelo Observadores: Carolina e Tatiana
11/05	09	Aula com ênfase no ARREMESSO	Marcelo	Monitora: Carolina Observadores: Tatiana e Eduardo
13/05	10	Aula com ênfase no DRIBLE	Carolina	Monitora: Tatiana Observadores: Eduardo e Marcelo

18/05	11	PASSEIO	Todos	Todos
20/05	12	Aula com ênfase no PASSE Avaliação dos alunos	Tatiana	Monitor: Eduardo Observadores: Marcelo e Carolina
25/05	13	Aula com ênfase no DESLOCAMENTO	Eduardo	Monitor: Marcelo Observadores: Carolina e Tatiana
27/05	14	Aula com ênfase no ARREMESSO	Marcelo	Monitora: Carolina Observadores: Tatiana e Eduardo
01/06	15	Aula com ênfase no DRIBLE	Carolina	Monitora: Tatiana Observadores: Eduardo e Marcelo
03/06	_____	Feriado		
08/06	16	Campeonato	Tatiana	Monitor: Eduardo Observadores: Marcelo e Carolina
10/06	17	Preparação para avaliação	Eduardo	Monitor: Marcelo Observadores: Carolina e Tatiana
15/06	18	Aula Recreativa	Marcelo	Monitora: Carolina Observadores: Tatiana e Eduardo
17/06	19	Avaliação : cada fundamento bem definido	Carolina	Monitora: Tatiana Observadores: Eduardo e Marcelo
22/06	20	Gincana	Todos	Todos